

UM ANJO LOUCO FEZ A GENTE SE ENCONTRAR NO CAPS III

A crazy Angel made us meet at CAPS III

Raphael Henrique Travia¹

RESUMO: Neste relato você conhecerá um pouco da história do autor, que ainda criança começou a enfrentar o sofrimento psíquico aos sete anos de idade. Após muitas batalhas e sendo diagnosticado de forma errada durante grande parte de sua vida o protagonista chegou a ser mandado para o manicômio pelo primeiro CAPS que frequentou. Pode-se dizer que nessa aventura temos o Harry Potter da Saúde Mental, ou seja, “o menino que sobreviveu” a todas as violências institucionais e dá a volta por cima quando inicia seu tratamento em um CAPS III em Santa Catarina, descobrindo os direitos que possui após ler pela primeira vez a lei 10.216/2001. A partir daí participa de diversos eventos e se engaja na luta antimanicomial através de projetos que privilegiam o ativismo digital. Após receber alta do CAPS o autor conclui a faculdade e retorna ao mundo do trabalho, após aprovação em um concurso público do governo federal.

Palavras-Chave: CAPS III. Narrativa em Primeira Pessoa. Saúde Mental.

ABSTRACT: In this report you Will learn about the author’s history, wh began to face psychological suffering age of seven. After many battles and being misdiagnosed for most of his life, our protagonist was sent to the asylum by the professionals of the first CAPS he attended. It can be said that in this adventure we hav ethe Harry Potter of Mental Health, in othe rwords, “the boy who survived” nstitutional violence and turn sthe corner when He begins his treatmentat at a Psychossocial Care Center type II in Santa Catarina where for the first time he discovers the rights guaranteed by Law 10.216/2001. Since then, he participates in several events and engages in the Brazilian Anti-manicomial Movementt through digital activism. After being discharged from CAPS the author concludes college and returns to the world of work, after being approved for a job in the federal government.

Keywords: Psychossocial Care Centers (CAPS). First Person Narrative; Mentalhealth.

1 O MENINO QUE SOBREVIVEU

Nasci na cidade de São Paulo no ano de 1985, prematuramente quando

1 Graduado no Curso Superior de Tecnologia em Gestão Hospitalar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo Programa de Pós Graduação em Educação Profissional integrada a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) pelo IF-SC, Campus Canoinhas. Ativista Digital em Saúde Mental.

minha mãe estava com sete meses e meio de gestação, houve falta de oxigênio no meu cérebro no momento do parto e por conta disso, sou pessoa com deficiência física. Fiz uma cirurgia que me permitiu colocar o calcanhar do pé direito no chão amenizando a situação.

Possuo pouca visão no olho direito e estrabismo, ao qual não quis me submeter a cirurgia corretiva quando criança, pois tinha medo... mas hoje me arrependo. Talvez futuramente crie coragem para fazer a operação.

Ainda na primeira infância enfrentei uma leucemia congênita, não havia SUS e o tratamento era muito caro, baseado em uma série de vacinas, o que foi custeado com a ajuda dos familiares de minha mãe, portanto posso dizer que assim como Harry Potter, sou o menino que sobreviveu.

Posso dizer que faço parte da tradicional família brasileira, sou filho de pais separados, não tive muita convivência com meu pai e minha mãe, assim como milhares de outras mulheres, acumulou os dois papéis, trabalhando muito para que nada faltasse aos seus dois filhos.

Minha mãe casou-se pela segunda vez no início dos anos 90 e com isso mudamos da capital, para uma cidade da região metropolitana, nossa situação financeira nessa época era muito boa.

Aos sete anos de idade, acordei de um pesadelo, e comecei a enxergar aranhas e cobras coloridas pelo quarto, fiquei muito assustado, mas as visões desapareciam como “*flash*” de máquina fotográfica ao acender a luz. Essa situação repetia-se todas as noites e logo fui levado ao médico que me receitou Haldol de 1mg, o que me fazia dormir muito. Por medo dos efeitos colaterais dessa medicação, minha mãe interrompeu o tratamento depois de algum tempo.

Morava em apartamento e passei grande parte da minha infância assistindo televisão. Tinha um excelente desempenho escolar e um pequeno grupo de amigos, nunca fui um aluno muito popular.

Quando eu tinha 14 anos de idade, meu padrasto, que era alcoólatra, faleceu, o que trouxe muito alívio. Entretanto, começamos a enfrentar sérias dificuldades financeiras.

Nesse período comecei a ter os primeiros sintomas de sofrimento psíquico mais intenso. Ia para a escola e não conseguia me concentrar, chorava muito e enxergava o meu corpo deformado. Não consegui atendimento com a psicóloga da Unidade Básica de Saúde, fui em alguns psiquiatras em hospital geral, mas

não iniciei nenhum tratamento.

Após conflitos familiares e na tentativa de minimizar as dificuldades financeiras, no ano 2.000 morei seis meses em um orfanato, em outra cidade, mudei de escola... foi a primeira vez que me vi realmente sozinho. Dormia bastante, meu desempenho escolar caiu, mas em contrapartida aprendi a jogar truco e fui o presidente do grêmio estudantil. No final deste ano fui "desinternado" e voltei a residir com minha mãe.

Durante a adolescência as crises se tornaram um pouco mais frequentes. No último ano do ensino médio me converti a uma religião americana e por algum tempo cheguei a ficar um tanto quanto fanático. Por outro caminho, sentia que tinha super poderes e chegava a ter sonhos antevendo acontecimentos do dia seguinte. Fui novamente levado ao psiquiatra em um grande hospital, mas por medo dos efeitos colaterais da possível medicação fingi que estava bem e pouco tempo depois os sintomas desapareceram.

Deixei de frequentar a igreja regularmente depois desse episódio, e de forma geral me mantenho afastado da experiência religiosa, pois existe uma linha muito tênue entre a loucura e o sagrado, que eu prefiro não atravessar ... por enquanto!

Muitas pessoas acreditam que ter algum tipo de transtorno mental é falta de Deus, ou mesmo tentação demoníaca, e isso prejudica nosso tratamento... nas horas de crise e de recuperação precisamos ter acesso aos médicos, psicólogos e serviços de saúde, que nenhuma fé é capaz de substituir e, nos momentos de remissão e estabilidade, aqueles que assim desejarem, devem ser acolhidos sem julgamento ou indiferença nas instituições religiosas.

Aos 19 anos de idade mudei para o meio oeste de Santa Catarina, pois meu irmão mais velho, havia me arrumado um emprego em uma agroindústria que precisava cumprir a cota de contratações de pessoas com deficiência. Apesar da pouca idade tinha uma responsabilidade grande, sustentava minha mãe e eu com o salário que recebia. Trabalhei normalmente até o verão chegar, mas com o aumento do calor comecei a ficar mais irritado.

Uma noite após não conseguir dormir me olhei no espelho e via meu olho sangrando. Estava sozinho em casa, pois minha mãe havia saído, então liguei para os bombeiros e eles constataram que eu não estava machucado. Fui levado à emergência do hospital em uma cidade vizinha e lá medicado com diazepam

na veia. Logo comecei a tremer e ter alucinações e delírios e pedi para ficar internado, pois não conseguiria fazer mais nada naquele estado.

Fui internado em uma ala psiquiátrica em outro hospital geral onde permaneci por 15 dias. Não suportava barulho ou cheiro forte e a ansiedade era gigantesca. Por outro lado, eu tinha uma coragem inabalável para dizer aquilo que eu queria, sem o filtro do que seria politicamente correto ou o mais adequado.

Recebi alta e voltei ao trabalho depois de 15 dias, pois ainda não havia completado um ano na empresa, para ter direito a ser afastado por auxílio doença, caso isso fosse necessário. No entanto, não consegui melhorar e em três meses fui demitido, após uma última tentativa de tratamento na empresa com cloridrato de sertralina, o remédio que falsamente melhora o humor, (tinha vontade de rir, mas isso não significava que minha saúde estava melhor). Desempregado, fui internado novamente em surto na ala psiquiátrica do Hospital Geral, onde fui submetido a perícia médica e finalmente me foi concedido o auxílio-doença, que era renovado de tempos em tempos.

Entre os anos de 2.006 e 2.008 fiz tratamento no CAPS I da cidade. Comparecia às terapias e tinha uma boa interação social. Com o passar do tempo deixei de tomar os remédios (sem comunicar à médica) e cheguei a ser aprovado em um concurso público municipal, sem efetivamente assumir o cargo, porque quando fui chamado já havia passado dois anos e eu não residia mais no município .

A maioria das trabalhadoras do CAPS onde eu fazia tratamento não passou no concurso público, assim como grande parte dos servidores da prefeitura e isso gerou um movimento que tentou anular o certame. As atividades do CAPS foram paralisadas por uma semana e houve grande agitação entre os usuários, pelo perigo de trabalhadores desconhecidos assumirem os cargos no CAPS, o que não ocorreu, pois houve um entendimento de que o CAPS era um programa do governo federal não sendo alcançado por um concurso municipal.

Nessa mesma época minha família estava de mudança para Joinville. Eu continuei morando alguns meses no meio oeste catarinense, pois desejava concluir um curso de aprendizagem industrial, o que não ocorreu, pois tive uma crise bem forte que resultou em três internações seguidas, sendo duas em hospitais gerais e uma em um dos hospitais psiquiátricos de referência de Santa Catarina. No momento da minha internação o médico percebeu que eu estava

lúcido, mas a enfermeira do CAPS que me acompanhava forçou a internação ao falar que morávamos longe e eu estava incomodando a todos. Ao ser comunicada sobre o ocorrido minha família, já residindo em Joinville, demorou a começar a acreditar no que estava acontecendo, não acreditando que eu estivesse realmente mal de saúde.

2 MEMÓRIAS DO MANICÔMIO

Passei um mês internado em uma ala do manicômio. Lá não havia camas para todos, muitos colchões eram espalhados pelo chão na hora de dormir, usávamos roupas fornecidas pelo hospital e havia muita sujeira, o banho era gelado e com um fio de água do chuveiro. Apesar de estar fortemente medicado, percebia tudo que acontecia em minha volta. Alguns pacientes eram castigados e passavam as noites amarrados nas cordas, posso dizer que metade da equipe tinha vontade de fazer as coisas de uma forma diferente e mais humana, enquanto que a outra metade já era impregnada de vícios antigos e só se importava em fazer as pessoas tomarem o remédio.

Recebi alta porque precisava passar por uma perícia médica do INSS e logo após esse fato me mudei para Joinville. Como marcas do período de internação, estava completamente sem coordenação motora e controle das funções fisiológicas básicas; também apresentava muito medo e ansiedade.

Logo ao chegar a Joinville fui encaminhado a um CAPS e fiz a entrevista de acolhimento inicial, mas não fui admitido para tratamento no serviço, pois a equipe técnica acreditava que eu havia ficado com sequelas neurológicas após a internação. Como já citei acima tive uma grande perda na coordenação motora e o fato de ser também uma pessoa com deficiência física induziu alguns profissionais a este erro.

Fui encaminhado para um Pronto Atendimento Psicossocial (PAPS), mas o psiquiatra se negou a me atender, após ter ciência de que eu era egresso do manicômio. Consegui ser atendido por outro médico no mesmo dia em um CAPS II, onde a hipótese de esquizofrenia foi descartada e com isso eu acabei decidindo parar de tomar todas as medicações, pois precisava voltar a viver normalmente e não como um zumbi.

Fui encaminhado ainda a um serviço de acompanhamento para “pacientes especiais” e fiquei na fila de espera seis meses para ser chamado.

Nesse meio tempo, sem tomar qualquer tipo de medicação, voltei a ter minha coordenação motora e outras funções normais, sendo então descartada a hipótese de eu receber atendimento “especial”.

3 DÊ-LÍRIOS DE UMA VIDA ATIVA

Comecei a fazer acompanhamento de Terapia Ocupacional em uma Unidade Básica de Saúde do meu bairro. As sessões eram baseadas na conversa e o principal objetivo era minha inserção no mundo do trabalho e dos estudos para ter uma “vida produtiva” na definição das “pessoas ditas normais”.

Em 2009 fui aprovado em um vestibular de uma faculdade pública para o curso de Mecatrônica Industrial, mas percebi que teria algumas dificuldades para concluí-lo, e em 2010 fiz novo processo seletivo sendo aprovado dessa vez para o curso de Gestão Hospitalar, mais voltado para as questões humanas. Ao iniciar o curso de Gestão Hospitalar, no primeiro semestre de 2010, comecei a me sentir incomodado com tudo a minha volta e tive um surto durante o período de aulas. Minha Professora que também é Enfermeira convenceu o SAMU a fazer o meu atendimento, fui levado ao hospital geral e fiquei esperando o psiquiatra por algum tempo, mas como já era noite voltei para casa.

Dois dias depois fui acolhido em um CAPS III e fiquei em hospitalidade por uma semana. Ao me admitir para o tratamento a coordenadora do serviço leu e me explicou a Lei 10.216/2001. Foi a primeira vez que eu soube dos direitos das pessoas que enfrentam o sofrimento psíquico.

Posso dizer que ao me acolher, a Coordenadora do CAPS III se tornou uma espécie de anjo na minha vida, ela sempre tentava me proteger, mas ao mesmo tempo, discretamente facilitava e incentivava as empreitadas as quais eu me propunha a realizar.

Fui corretamente diagnosticado como bipolar, a medicação foi ajustada e ao final de uma semana já recebi alta e participei da etapa regional da IV Conferência Intersectorial de Saúde Mental, sendo posteriormente eleito para as etapas estadual e nacional.

Tive sim muitos atritos tanto familiares, quanto com os colegas de faculdade durante o tratamento no CAPS III, pois a realidade de um usuário é algo que só a ele pertence, ninguém consegue sequer imaginar.

Acredito que o empoderamento que o tratamento correto gera, faz surgir

os conflitos que vivemos, muitas vezes escondendo de nós mesmos, sendo uma oportunidade para tentar resolver algumas questões pessoais.

Durante minha trajetória acadêmica tive a oportunidade de realizar pesquisas e escrever artigos científicos que já foram inclusive publicados:

REFERÊNCIAS

TRAVIA, Raphael Henrique; KOHLS, Márcia Bet. Folha de lírio: o jornal virtual da saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 5, n. 11, p.88-101, maio 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68793/41422> . Acesso em: 27 jul. 2020.

TRAVIA, Raphael Henrique; SPESSATTO, Marizete Bortolanza. Oficina de integração mexendo a cuca: saúde mental, gastronomia, matemática e cidadania. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 9, n. 23, p. 105-125, nov. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69084/41544> . Acesso em: 27 jul. 2020.

Fui premiado no 2º Laboratório de Inovação em Participação Social da OPAS em 2012 e no 6º Prêmio Joinville de Inovação em 2019, Palestrei na IV Mostra de Atenção Básica e Saúde da Família do Ministério da Saúde em 2014 e no Laboratório de Inovação em Educação na Saúde da OPAS em 2018. Tive uma aproximação com o coletivo da Rede HumanizaSUS, onde possuo dois blogs: <http://redehumanizasus.net/usuario/raphael/> e <http://redehumanizasus.net/usuario/raphael-henrique-travia/> cujo assunto principal é a saúde mental, vista e vivida na perspectiva de um usuário do SUS que dá certo! Utopia ou realidade?

Confesso que a capa da militância de saúde mental pesa demais algumas horas, mas não podemos mudar o passado, então o caminho a ser trilhado é para frente. Entretanto, não somos super-heróis todos os dias.

Continuei em tratamento no CAPS III por mais dois anos, me formei na faculdade e fui aprovado em concurso público como assistente em administração de uma escola do governo federal, cargo que já ocupo há sete anos. Além do acompanhamento com médica psiquiatra, realizo psicoterapia em consultório,

com as mesmas profissionais que me atendiam no CAPS há dez anos, afinal em time que está ganhando não se mexe. Isso não significa que vivo um mar de rosas, sim tive recaídas, ajustes de medicação e outros momentos desafiadores, mas acho que isso faz parte do tratamento de uma condição crônica

Para cada Terapeuta Ocupacional que fingir que o manicômio é um lugar comum só para se livrar de um usuário problemático, outras tantas existirão seguindo Nise da Silveira, com arte e cultura, percorrendo com amor o caminho que compreende a loucura.

Para cada enfermeira que compactue com uma internação desnecessária, sempre existirá outra enfermeira que vai te salvar da violência e amenizar as dores enquanto presta os cuidados necessários ... ou mesmo te dá uma aula, não de epidemiologia, mas de humanização!

AGRADECIMENTOS

Dedico este relato a Enfermeira Professora Vanessa Luiza Tuono Jardim, pela suavidade e gentileza com a qual atravessou minha vida acadêmica e profissional, sem preconceito ou medo dos **dê-lírios!**